

O CURANDEIRO (*)

Valter da Rosa Borges

Veza por outra, a imprensa sensacionalista promove um novo curandeiro, cercando-o, provisoriamente, de uma auréola sobrenaturalista e, assim, contribuindo para robustecer mais ainda a credulidade pública.

Antes de discutirmos o mérito da questão, é mister, inicialmente, indagar se - existe uma terapêutica paralela àquela utilizada pela Medicina e, se existe, em que consiste a sua técnica e quais os seus resultados.

A resposta ao primeiro item é sim, pois o homem sempre obteve, de um modo ou de outro, através de processos denominados "naturais", a cura para os seus males. É evidente, contudo, que os meios utilizados por esta terapêutica naturalista são empíricos e não obedecem a uma técnica, orientada pela razão e pelo conhecimento. Além do mais, os resultados obtidos - alguns até extraordinários mesmo "milagrosos" - são, na maioria dos casos, duvidosos, pois consistem, quase sempre, na simples remoção de sintomas. E, nisto, é que consiste o grande perigo do curandeirismo: o mascaramento dos sintomas, impedindo a precisão do diagnóstico e comprometendo a possibilidade clínica da cura.

De tudo o que foi dito, no entanto, uma coisa resultou assente: a existência de uma terapêutica empírica que, através de procedimentos geralmente mágicos e apelos sugestivos, é capaz de, em proporção ignorada, restabelecer o equilíbrio orgânico de pessoas aparentemente doentes. E, propositadamente, utilizamos a expressão "aparentemente doentes", porque, como demonstrou a medicina psicossomática, uma grande parte de nossas enfermidades é de natureza psíquica e emocional e, não, orgânica. Assim, podemos dizer, de certo modo, que o curandeirismo é uma arte: a arte de curar pela sugestão, mediante a manipulação de elementos mágicos suscetíveis de alterar o estado psíquico do paciente, com reflexos modificadores no seu funcionamento orgânico.

Podemos conceituar o curandeiro como aquele que pretende curar enfermidades pela virtude de seus pretensos poderes. Não raramente, ele se julga um ser excepcional, um missionário, uma pessoa poderosa, o que contribui para levá-lo a uma impermeável megalomania e paranóia delirante.

Geralmente, o curandeiro é oriundo da classe pobre, sem qualquer preparo intelectual, desejoso de se afirmar na vida e sem qualquer preocupação quanto aos meios de atingir os fins. E, quando se vê, de uma hora para outra, guindado a um certo *status* na sociedade, emprega todos os seus esforços para manter e até melhorar a sua posição. Daí, para tornar-se um arrivista é só um passo. Por isto, seja movido pela sua vaidade, seja movido por sua cupidez, procura atuar em faixa própria, criar seu grupo de adeptos, promover a propaganda de seus poderes, assumir um ar

de superioridade e evitar, a todo custo, que se pesquise a autenticidade de suas decanta-das faculdades.

Todavia, nem todo aquele que se diz possuidor de poderes de cura realmente os possui. Na maioria dos casos, são pessoas dotadas de forte personalidade e de grande capacidade de persuasão. Via de regra, portanto, as curas obtidas por esses pretensos curandeiros, algumas até de natureza orgânica, podem ser explicadas psicologicamente, embora ainda pouco se saiba dos mecanismos de interação entre a mente e o corpo. Ora, uma pessoa dotada, assim, de tais atributos poderá contribuir, de maneira extraordinária, para uma mais ampla compreensão da terapêutica ortodoxa e acadêmica, com o maior aproveitamento do fator psíquico na gênese das curas. Se a fé cura, por que não a utilizar como eficaz adjutório na recuperação orgânica do paciente? Por conseguinte, estas pessoas de excelente poder sugestivo e de rara habilidade em despertar a fé nas pessoas deveriam, sem perda de tempo, ser aproveitadas pela Medicina, numa atividade paramédica devidamente controlada. O perigo reside justamente no fato de se tolerar que estes curandeiros permaneçam à solta, iludindo, consciente ou inconscientemente, os verdadeiros enfermos, prometendo-lhes alívio para os seus males pela simples remoção dos sintomas, mas, por outro lado, contribuindo para o agravamento da doença, tornando-a, não raras vezes, irreversível. E há curandeiros que, num verdadeiro atentado à saúde pública, chegam a proibir que seus pacientes consultem médicos, ou lhes ordenam que suspendam a medicação ou o tratamento a que se vêm submetendo.

Mas, agora, é de se perguntar se, por acaso, não existem curas milagrosas e curandeiros autênticos. Existem, sim, mas são raros os casos e também raras essas pessoas.

Sem querer penetrar o domínio religioso, a Parapsicologia vem estudando atentamente os fenômenos de curas paranormais e já pode assegurar a sua realidade. Sim, há curas paranormais. E também há pessoas que possuem um tipo de energia desconhecida, conhecida pelo nome de telergia, capaz de atuar fora do seu contexto orgânico e causar modificações nas coisas materiais e até nos seres vivos, inclusive o próprio homem. Ora, esta telergia, como qualquer força, pode ser empregada para fins benéficos ou maléficis. Por conseguinte, se uma pessoa possui telergia e procura aplicá-la em benefício do próximo, ela é, realmente, um curandeiro. Mas, para a comprovação da existência dessa faculdade, é necessário que ela seja submetida a uma série de testes em laboratório de parapsicologia. Se os resultados forem positivos — o que, raramente, acontece — deverá o parapsicólogo aconselhar ao curandeiro de se abster de atuar em faixa própria e permitir que a sua atividade neste setor seja permanentemente supervisionada por um médico. Só assim a cura paranormal po-derá constituir-se, futuramente, em excelente auxiliar para a própria Medicina.

(*) Publicado no Jornal Universitário, da Universidade Federal de Pernambuco. Maio. 1980